

Data: 21.03.2020

Título: Economistas admitem queda do PIB até 8,5% este ano

Pub: **Expresso** ECONOMIA

 **QuickCom**
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;6

Economistas admitem queda do PIB até 8,5% este ano

➔ Académicos e ex-ministros ouvidos pelo Expresso apontam para **crescimento entre 1% e -8,5%** ➔ Défice pode disparar e desemprego regressar aos dois dígitos ➔ Governos e bancos centrais **lançam estímulos superiores a €6 biliões** ^{E6}



Area: 1193cm² / 46%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6779228



Data: 21.03.2020

Titulo: Economistas admitem queda do PIB até 8,5% este ano

Pub: **Expresso** ECONOMIA

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;6

PIB em queda e défice a disparar no melhor dos cenários para 2020

CRESCIMENTO

“Só sabemos que nada sabemos”, alerta um dos **dez peritos que aceitaram estimar para o Expresso o possível impacto económico da crise do coronavírus nas contas deste ano**



Mário Centeno já disse que o défice não é a prioridade e abriu a porta a um Retificativo se necessário FOTO PIROSCHKA VAN DE WOUW/ REUTERS

Área: 1193cm² / 46%

FOTO Tiragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6779228

JOANA NUNES MATEUS

Dez economistas, gestores e ex-governantes aceitaram dar ao Expresso a sua estimativa muito provisória do que pode ser o impacto da crise provocada pelo coronavírus na economia portuguesa em 2020. Dada a brutal incerteza quanto à duração e à gravidade desta pandemia, todos alertam para a extrema cautela com que devem ser encarados os números que põe agora em cima da mesa, pois qualquer exercício de previsão pode já estar ultrapassado quando o leitor começar a ler esta notícia.

Foi nesta condição que o Expresso conseguiu aceder aos cenários do antigo ministro das Finanças, Campos e Cunha; do antigo ministro da Economia, Daniel Bessa; do antigo ministro da Indústria e presidente do Conselho da Indústria da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), Mira Amaral; do diretor do Gabinete de Estudos do Fórum para a Competitividade, Braz Teixeira; do presidente da Missão Crescimento, Jorge Marrão; do presidente da SEDES, João Duque; do economista-chefe do Millennium bcp, Brandão de Brito; do presidente do conselho estratégico nacional do PSD, Miranda Sarmiento; do presidente do conselho científico e estratégico do Institute of Public Policy (IPP), Trigo Pereira; e de outro professor universitário que também ajudou a traçar cenários macroeconómicos do PS, Vítor Escária.

Ora, mesmo no melhor dos cenários — com a economia portuguesa a iniciar o regresso à normalidade já no segundo semestre do ano — a esmagadora maioria do painel aponta para uma quebra da riqueza gerada pelo país em 2020. O mais otimista ainda espera que a taxa de crescimento do PIB possa ficar no intervalo entre +1% e -3%, mas há quem já assuma um colapso de 6% a 8,5%. O mínimo histórico do Portugal democrático foi a recessão de 5,1% em 1975.

Quanto à perda de postos de trabalho, metade do painel já equaciona uma subida da taxa de desemprego até aos dois dígitos em 2020. Os mais

otimistas ainda se ficam pelos 8%, mas há quem já fale de 12% ou 14%. O máximo histórico anual de 16,2% foi registado em 2013.

Quanto ao saldo orçamental, ninguém duvida que as despesas vão disparar e as receitas cair em 2020. O mais otimista ainda espera conter o défice no intervalo entre 1% e 3% do PIB, mas há quem fale já de 6% ou 7,5% do PIB. O pior défice data de 1981, quando chegou aos 12,5% do PIB.

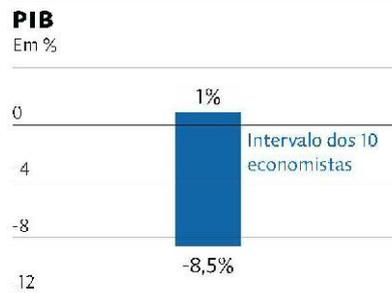
“Enquanto os cientistas não souberem o que vai acontecer, não se pode pedir aos economistas para fazerem previsões”, alerta o antigo ministro das Finanças, Campos e Cunha. Este encara o coronavírus como um “*tsunami* para as pessoas, a economia e o orçamento. Nem vale a pena começar a preparar um Orçamento Retificativo antes de termos mais informação. Mesmo a previsão do próximo Programa de Estabilidade terá margens de erro gigantescas”.

Jorge Marrão recorda “como todos os modelos de previsões dos governos e das entidades internacionais falharam aquando da crise do *suprime*”. O Expresso confirmou: o Orçamento do Estado para 2009 previa um PIB a crescer 0,6%, o desemprego a estabilizar nos 7,6%, o défice nos 3,9% do PIB e a dívida pública nos 64% do PIB. Hoje os números dizem que 2009 registou uma recessão de 3,1%, um desemprego de 9,4%, um défice de 9,9% do PIB e uma dívida pública de 87,8% do PIB.

Nova crise das dívidas?

“O primeiro problema é a dívida pública, porque défices elevados neste e no próximo ano dispararão a dívida novamente até próximo dos 130% do PIB. Se o Banco Central Europeu (BCE) não tomar medidas muito fortes, receio mesmo que possa haver uma nova crise das dívidas soberanas”, explica Miranda Sarmiento. “O BCE não deve deixar alargar os *spreads* da dívida pública da periferia porque isso poderia ser a morte do projeto europeu”, acrescenta Brandão de Brito.

Amplitude das previsões para a crise de 2020



FONTE: EXPRESSO COM BASE EM PORDATA, INE E D'GÓ

Para este economista, fundamental é evitar um estrangulamento financeiro (*credit crunch*) como o que aconteceu em Portugal em 2010/13. “As boas notícias é que os decisores políticos aprenderam com a crise de 2008. A Reserva Federal já inundou o mercado financeiro de liquidez como nunca o tinha feito na história, e o BCE fez muito bem em facilitar a liquidez dos bancos e flexibilizar o cumprimento dos requisitos de capital para se poder emprestar às em-

Área: 1193cm² / 46%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6779228

Data: 21.03.2020

Titulo: Economistas admitem queda do PIB até 8,5% este ano

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**

 **QuickCom**
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;6



presas em dificuldades por causa do coronavírus”, diz o economista-chefe do Millennium bcp.

Pior do que em 75

Meter dinheiro na tesouraria das empresas é a solução apontada pelos vários economistas. “Agora não vale a pena estimular o consumo porque os consumidores não saem à rua. A única solução é acudir à tesouraria das empresas para que elas ainda cá estejam quando o vírus passar”, defende Daniel Bessa.

A maior crise do Portugal democrático foi logo em 1975, quando o PIB caiu 5%. Mas pelas contas deste economista, o coronavírus tem potencial para desafiar este mínimo histórico: “Se o turismo representa 14% do nosso PIB, basta uma quebra de 25% no turismo para dar 3,5% de PIB a menos...”

“Em 1975, era greves. Agora é fechar e eu estou com muito medo”, assume João Duque. “Se a crise for curta, não destruirá o tecido económico e a euforia pode levar a uma recuperação rápida. Mas se a crise for longa, nem cafés ou esplanadas teremos quando sairmos para celebrar. Sem apoios às empresas, arriscamos a uma destruição total da cadeia de valor.”

Este economista exige ao Governo medidas mais duras: “É preciso definir a estratégia económica posta ao serviço da guerra à doença. Se a estratégia é de isolacionismo, então vamos isolar as pessoas. Mas há uma economia mínima que tem de continuar a funcionar. Não pode ficar tudo no sofá a mandar piadas no WhatsApp... O Governo terá de dizer claramente que áreas da produção e da distribuição devem ficar abertas para a economia não colapsar.”

Já Vítor Escária vê três tempos na resposta à crise. Após as primeiras medidas anunciadas pelo Governo, devem ser ampliados os “mecanismos de acesso a liquidez às empresas para fundo de maneo com apoio dos fundos europeus”. E passado o pico do coronavírus, será então necessário “um ambicioso programa de estímulo à economia coordenado no âmbito da União Europeia”.

economia@expresso.impresa.pt

Área: 1193cm²/46%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6779228